

**A HISTÓRIA DE  
AMANDA BERRY E GINA DEJESUS**

**CONTADA POR  
MARY JORDAN E KEVIN SULLIVAN**

# Esperança

**DEZ ANOS DE CATIVEIRO: UM RELATO  
DE SUPERAÇÃO EM CLEVELAND**

Tradução  
GUILHERME MIRANDA

**2019**

Copyright © 2015 by Amanda Berry e Gina DeJesus

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Hope: A Memoir of Survival in Cleveland

CAPA Aline Temoteo

LETTERING DE CAPA Angie Makes/ Hely/ Shutterstock

IMAGEM DE CAPA Bill Pugliano/ Getty Images

PREPARAÇÃO Diogo Henriques

REVISÃO Carmen T. S. Costa e Renata Lopes Del Nero

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Berry, Amanda

Esperança : Dez anos de cativeiro — um relato de superação em Cleveland / Amanda Berry e Gina DeJesus com Mary Jordan e Kevin Sullivan ; tradução Guilherme Miranda. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2015.

Título original: Hope : A Memoir of Survival in Cleveland.  
ISBN 978-85-8439-005-2

1. Sequestro - Ohio - Cleveland - Estudos de caso 2. Vítimas de sequestro - Ohio - Cleveland - Biografia I. DeJesus, Gina II. Jordan, Mary. III. Sullivan, Kevin. IV. Título.

15-03764

CDD-362.88

Índice para catálogo sistemático:

I. Vítimas de sequestro : Cleveland : Biografia 362.88

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.editoraparela.com.br

atendimentoaoleitor@editoraparela.com.br

## PARTE UM

## 21 DE ABRIL DE 2003: FURGÃO MARROM

*Amanda*

No dia seguinte à Páscoa, acordei ao meio-dia. Fiquei acordada até tarde de novo ouvindo Eminem. Sua canção “Superman” sempre me deixa animada: “They call me Superman, I’m here to rescue you” [Eles me chamam de Super-Homem, estou aqui para salvá-la]. Tenho pôsteres dele por todo o quarto — nas paredes, no espelho, na porta do guarda-roupa. Mas hoje nem o Em consegue me fazer sentir melhor.

Minha mãe abre a porta e coloca a cabeça para dentro. Ainda estou na cama, triste.

“Mandy, estou indo trabalhar. Vejo você à noite. Te amo!”

“Também te amo. Até mais.”

Nós moramos no andar de cima de uma casa na esquina da rua 111 Oeste com a avenida Belmont, perto do Westown Square Shopping Center de Cleveland. Não é um lugar ruim, exceto pelo barulho dos carros e caminhões passando velozmente pela I-90, a autoestrada logo atrás de casa. Minha irmã mais velha, Beth Serrano, mora no andar de baixo com o marido, Teddy, e as duas filhinhas, Mariyah, quatro anos, e Marissa, três.

Teddy é o motivo por que estou tão chateada. Ele e minha irmã andam brigando. Ela está furiosa. Teddy é o gerente do Burger King onde eu trabalho e não quero encontrá-lo hoje porque ele deixou minha irmã muito nervosa.

Pela janela, ouço Beth sair de carro com minha mãe no velho Chevrolet Lumina. Elas trabalham juntas numa fábrica de ferramentas e moldes na Brookpark Road montando peças metálicas: uma mãe de 39

anos e sua filha de 23, paradas lado a lado, montando peças de metal como um quebra-cabeça. Ninguém jamais disse a elas para que serve a peça que elas fabricam, mas, quando elas enchem uma caixa com cem, começam outra.

Muitos pais no meu bairro têm jornadas de trabalho como a da minha mãe, e depois os filhos largam a escola e se juntam a eles nos mesmos trabalhos, sobrevivendo com pouco. Meu pai se mudou de volta para o Tennessee com outra mulher, então minha mãe trabalha em empregos de um salário mínimo e eu tento ajudar a pagar coisas como meus livros escolares.

Aumento o som do Em no quarto. Minhas caixas de som ficam em cima da cômoda, ao lado dos meus anjinhos de porcelana e do presépio. Deixo os anjos e o menino Jesus à mostra o ano inteiro, e não só no Natal, porque eles me alegram.

Vou para o chuveiro e fico embaixo da água quente por muito tempo, pensando se largo o emprego por causa dessa briga com Teddy. Não quero me demitir. É o primeiro trabalho da minha vida e fiz bons amigos lá. Comecei quase um ano atrás, quando fiz dezesseis, e já consegui um aumento para seis dólares a hora, quase um dólar a mais do que quando comecei. Muita gente trabalha lá há muito tempo e nunca recebeu aumento nenhum, então acho que eles gostam de mim. Também é bom ouvir os clientes me dizerem que tenho um sorriso bonito.

Eu preciso de dinheiro porque um dia vou para a faculdade. Não sei exatamente o que vou estudar, talvez moda. Adoro roupas e fico obcecada com todos os detalhes, até os cadarços, que sempre faço questão de combinar com a blusa.

Se eu me demitisse hoje, não iria sentir falta do uniforme do Burger King: camiseta vinho, jeans preto e tênis preto. Aquela calça nojenta de poliéster é demais para mim. A camiseta já é feia o suficiente, mas eles não conseguiriam me obrigar a usar aquela calça também.

Tiro minha camiseta de trabalho de uma gaveta e deixo outras duas, idênticas, dobradas lá dentro. Gosto de tudo passado e em ordem. Tenho um sistema para pendurar minhas roupas: blusas rosa-claro juntas, perto das rosa-escuro, mas sem misturar. Todas as minhas roupas brancas ficam juntas. Os jeans passados ficam organizados do azul mais claro

para o mais escuro. Arrumo os sapatos no chão pela altura do salto, começando pelas sandálias e os tênis até os de salto alto.

Amanhã é meu aniversário de dezessete anos e alguns amigos vão passar em casa para comemorar comigo, por isso eu deveria ficar animada. Dou uma olhada no dinheiro escondido numa caixinha rosa cintilante no fundo da gaveta de sutiãs. Tenho cem dólares guardados e, para comemorar, vou esbanjar numa roupa nova e fazer as unhas também.

Por que não ligar para o trabalho e dizer que estou doente? Teddy está no turno agora e não quero olhar para a cara dele. Eu poderia trabalhar amanhã em vez de hoje. Seria bom ficar em casa lendo revistas. Eu assino a *Entertainment Weekly*, a *People* e a *Rolling Stone*, e guardo as cópias antigas em pilhas ordenadas no quarto.

Mas não vou querer trabalhar no meu aniversário, então acho que é melhor eu ir. É só o turno das quatro às oito. Eu consigo.

É melhor sair correndo; faltam dez para as quatro.

Pego o boné preto do Burger King e levo na mão, porque eu é que não vou usar isso na rua. Visto minha blusa preta e saio pela porta da frente, encontrando uma tarde cinza de abril.

O trabalho fica a dez minutos a pé. Depois que passo pelas primeiras casas e entro à direita na rua 110 Oeste, posso ver à frente o semáforo na esquina com a avenida Lorain, onde fica o Burger King.

Atravesso a longa ponte sobre a I-90 e fico vendo os carros a passar velozmente, levando gente para outros lugares. Algum dia, também vou para um lugar melhor. Não vou viver como minha mãe, sempre preocupada com as contas a pagar. Ela já trabalhou como balconista no Kmart, num posto de gasolina da BP, no mercado Finast e até no Burger King onde trabalho agora. Como ela largou o ensino fundamental, não conseguiu nada melhor. Quando eu me formar da faculdade, vou ganhar bastante dinheiro para comprar minha própria casa. Minha mãe vai poder morar comigo e talvez eu possa tornar nossa vida um pouco mais fácil.

Passo pela Westown Square, onde compramos quase tudo: comida no mercado Tops, filmes na Blockbuster, roupas na Fashion Bug. Beth achou umas roupas femininas bonitas no brechó, o Value World.

Às quatro em ponto, chego ao trabalho. Meu Deus, que cheiro! Batata frita e hambúrguer. Gordura. Nunca sai do uniforme, nem depois que eu lavo. Parece que esse cheiro entra na minha pele.

Deixo o casaco e a bolsa nos fundos, onde fica o gerente-chefe, Roy Castro. Hoje vou trabalhar no “caixa dos fundos”, o que significa que vou pegar os pedidos e o dinheiro pela janela do *drive-through*.

Depois que Roy prepara meu caixa, entro na estação de trabalho. Minha amiga Jennifer está trabalhando no “caixa da frente”, no balcão principal, e vejo Teddy lá. Nossos olhares se cruzam e olho feio para ele.

Ligo o meu fone.

“Bem-vindo ao Burger King. Qual é o seu pedido?”

Lá vamos nós de novo.

O tempo passa devagar. Seria mais fácil se tivesse mais movimento, mas é a segunda-feira depois da Páscoa e está tudo parado. Procuo não falar com ninguém. Roy sabe que estou com problemas, então, lá pelas sete e quinze, pergunta se quero sair mais cedo. Ele não precisa perguntar duas vezes. Estou pronta para dar o fora.

Pego minhas coisas e me sento a uma mesa para ligar para meu namorado, DJ, para ver se ele vem me pegar. Ele não atende. Ligo de novo, mas ele continua sem atender. Queria encontrar com ele hoje. Faz só um mês que a gente está saindo, mas eu gosto dele. Ele segura minha mão e abre as portas para mim. A primeira vez que o vi foi quando ele pediu comida no *drive-through*. Jennifer o conhecia e disse que ele era legal. Ele vinha sempre e perguntava por mim quando eu não estava lá, até que finalmente me chamou para sair.

Agora, eu só queria que ele atendesse o telefone. Onde será que ele está?

Quase nunca volto para casa a pé. Primeiro porque tem mais gente na rua à noite e não gosto que me vejam com o uniforme do Burger King. Mas o principal motivo é que minha mãe não gosta que eu volte para casa sozinha à noite. Ela nunca aprendeu a dirigir, então manda Beth me buscar.

Mas Beth e minha mãe ainda estão no trabalho e não quero ficar no meio dessa novela mexicana nem mais um minuto. São sete e meia, ainda está claro na rua e vou a pé.

Meu telefone toca quando estou no meio do caminho. Beth diz que está saindo mais cedo do trabalho e digo que eu também.

“A gente pode te buscar. A que horas eu te pego?”

“Não, não se preocupa. Já estou voltando para casa.”

Enquanto começamos a falar sobre Teddy, vejo um velho furgão marrom bloqueando a calçada à minha frente. Um homem parou diante de uma garagem na rua 110 Oeste, mas não entrou para estacionar.

Dou a volta pela frente do furgão para passar. Como ainda estou no celular, não estou prestando muita atenção, mas noto que a menina no banco de passageiros parece conhecida. Tenho quase certeza de que trabalhou no Burger King comigo. O motorista — deve ser o pai dela — olha para mim e sorri. Retribuo o sorriso enquanto continuo andando.

Um minuto depois, o furgão para ao meu lado e ele abre a janela. Não tem nenhum carro vindo em nenhuma direção, então ele parou bem no meio da rua.

“Ei, precisa de uma carona para casa?”

Agora consigo olhar melhor para ele e tenho certeza de que já o vi antes, mas não sei direito onde. Estou no meio do caminho para casa, talvez uns cinco minutos a pé, e não preciso de carona, mas foi muita gentileza dele oferecer.

Ainda falando com Beth, faço que sim com a cabeça e começo a andar na direção do furgão.

Quando ele abre a porta do carona, noto que a filha dele não está mais no carro. Me despeço rápido de Beth enquanto entro.

“Beth, preciso ir porque vou pegar uma carona.”

Ele começa a sair com o furgão enquanto desligo o celular.

“Cadê sua filha?”, pergunto, ao perceber de repente que estou sozinha num carro com um homem mais velho que não sei direito quem é.

“Então você trabalha no Burger King?”, ele pergunta, sem responder a minha pergunta, mas sorrindo simpático. Ainda estou de uniforme, com uma etiqueta onde se lê “Amanda”, então é fácil adivinhar onde trabalho.

Começo a ter um mau pressentimento, mas ele parece uma boa pessoa. Está mais bem vestido do que os homens da idade dele: todo de



preto, desde a camiseta até a calça jeans e a bota, e está ouvindo a 107.9, hip-hop e R&B.

“Meu filho trabalhava no Burger King. Você o conhece? Anthony Castro?”

Agora sei quem ele é! Ele é o pai do Anthony. Anthony não tem nenhum parentesco com Roy Castro, o gerente, mas eu conheço Anthony, e minha mãe também.

“Ah, sim, conheço o Anthony. Ele veio à minha casa uma vez. Ele é amigo de uma amiga minha.”

Conto para ele que estudava na Wilbur Wright Middle School com a filha dele, Angie. “Como ela está?”, pergunto, mais tranquila agora que sei quem ele é.

“Ela está bem”, diz ele. “Está em casa agora. Quer fazer uma visita?”

“Está bem. Faz muito tempo que a gente não se vê.”

Por que não? Eu não estava muito ansiosa para voltar para casa mesmo.

Ele faz algumas curvas, afastando-se da minha casa, depois entra na I-90, falando alegremente sobre os filhos.

“É legal esse telefone”, diz ele, olhando para o pequeno celular azul na minha mão. Alguns amigos meus têm celular e eu comprei o meu semana passada, usado, de uma menina do trabalho.

Saímos da autoestrada na rua 25 Oeste, fazemos mais algumas curvas e entramos na avenida Seymour.

Eu conheço essa região. Fica a uns dez minutos de carro da minha casa e tenho primos que moram por aqui, Castle e Carlyle. Tem tantos falantes de espanhol na área que chamam o bairro de Pequeno Porto Rico.

Entramos na garagem do número 2207. É uma casa branca de dois andares. Nada de especial, isso é verdade. Ele para o carro nos fundos, onde um cachorro grande com cara de mau late loucamente bem na porta do carona do furgão. É um daqueles chow-chows com cabeça enorme e felpuda. O cão está preso a uma árvore, mas a corrente é longa o bastante para chegar até o furgão. Fico feliz por estar do lado de dentro.

Ele volta a falar do celular.

“É muito bonito; posso dar uma olhada?”

Dou o telefone para ele.

“Espera, vou levar o cachorro para os fundos para você poder sair”,

diz ele, levando meu celular enquanto sai do furgão e leva o cachorro pela coleira. “Angie está lá dentro”, diz ele. “Vamos lá.”

Caminhamos até a porta dos fundos. Ele a destranca e entramos num pequeno pÓrtico fechado amontoado de caixas. Ele destranca outra porta que dá para o interior da casa.

Eu o sigo até o lado de dentro.

Ele liga a luz da cozinha. Está uma bagunça. Definitivamente precisa de uma faxina. Ele tem prateleiras feitas de papelão cheias de chapéus e caixas abarrotadas de jarras de vidro vazias. Vejo por uma fresta nas cortinas pesadas que está começando a escurecer lá fora.

Ele aponta para a porta fechada do banheiro.

“Angie deve estar tomando banho”, diz. “Enquanto ela está lá dentro, vou te mostrar a casa.”

“Ah, está bem”, digo a ele. “É muita gentileza sua.”

Entramos numa sala de jantar pequena, depois numa sala de estar, com um apainelamento de madeira escura e um sofá de couro preto forrado de cobertores pesados com uma estampa floral vermelha. Ele tem uma grande pilha de listas telefônicas velhas, fotos de família em toda parte e as duas maiores caixas de som que já vi na vida. Eu tenho 1,52 metro, então elas devem ter 1,20 metro de altura.

“Vem, vou te mostrar o andar de cima”, diz ele, já subindo.

Quando chego ao andar de cima, noto que está bem escuro lá. Tem algumas portas fechadas, e ele aponta para uma delas.

“A mulher com quem divido a casa fica aqui”, diz ele. “Ela está dormindo.”

Que esquisito, penso. Será que ele se divorciou da mãe do Anthony e da Angie? Acho que está dividindo a casa agora para ajudar a pagar o aluguel.

“Dá uma olhada”, diz ele.

A porta não tem fechadura e me inclino para olhar pelo grande buraco onde ela ficaria. Tem uma menina dormindo lá, com a tv ligada. Olho só por um segundo, porque me sinto mal de espiar o quarto de outra pessoa.

Entramos num quarto grande e depois num menor atrás dele. E, quando me viro para sair, ele bloqueou a porta de repente.

“O que você está fazendo?”, pergunto, assustada.

“Abaixa a calça!”

“Não!”, grito. Entro em pânico e não consigo acreditar no que ele acabou de dizer. “Me leva para casa! Quero ir para casa!”

Tem uma menina do outro lado do corredor e a filha dele está no andar de baixo, então o que ele está fazendo?

Pela primeira vez olho diretamente para ele. Ele deve ter uns quarenta e poucos anos, mais velho que a minha mãe. Tem o cabelo castanho encaracolado, olhos escuros, entradas avançadas e um cavanhaque. Deve ter 1,70 metro de altura e parece forte, com uma pequena barriga de cerveja. Se eu passasse por ele no shopping, nunca teria notado.

“Abaixa a calça!”, ele volta a ordenar.

De repente ele ficou tão assustador — sua voz, seus olhos, seu jeito — que eu obedeço. Fico parada, chorando com a calça na altura dos tornozelos. Como pude não imaginar? Como pude ser tão idiota? Só porque conheço os filhos dele não significa que deveria ter ido com ele para aquela casa.

Ele abaixa a calça e começa a se masturbar. É nojento.

Tem uma janela atrás dele com cortinas de renda. Ele olha para fora e diz alguma coisa sobre a polícia. Olho para fora e vejo uma viatura da polícia do outro lado da rua. Os policiais estão perto! Ele diz que vai me bater se eu abrir a boca.

Ele apressa o que está fazendo e, quando termina, sua voz volta a ser como era antes, e ele parece ser o homem gentil que estava conversando comigo no carro.

“Vou levá-la para casa agora”, diz, antes de falar que posso colocar a calça de novo.

“Por favor”, eu imploro. “Por favor, me leva para casa.”

Começo a rezar, pedindo a Deus que me tire daqui.

Vamos andando em direção à porta, mas ele para de repente.

“Vira, deita na cama e abaixa a calça.”

“Não! Não!”, grito. “Se você não me levar para casa agora eu vou chamar a polícia!”

Falo isso sem pensar, mesmo sabendo que não posso ligar para ninguém: ele ainda está com meu celular.

“Socorro! Socorro!”

A mulher que divide o apartamento com ele não consegue me ouvir? O que está acontecendo nesta casa?

Corro de volta para o quarto maior e tento abrir a porta que dá para o corredor, mas não tem fechadura. Seguro a maçaneta da porta ao lado e dou de cara com um closet.

Estou encurralada, chorando, quando ele me pega pelos braços e me arrasta até a cama, onde arranca a minha calça e me estupra. Ele deve ter uns vinte quilos a mais do que eu e dói muito.

Quando termina, ele se levanta e diz:

“Vou levá-la para casa agora, mas você precisa ficar quieta.”

Estou morrendo de medo e sei que ele está mentindo.

“Vou amordaçar você para que não grite mais até chegar em casa”, diz ele enquanto pega um rolo de fita adesiva cinza, corta um pedaço longo e cola na minha boca de orelha a orelha.

Ele junta meus pulsos e prende os dois com fita adesiva também, e depois faz o mesmo com meus tornozelos. Em seguida, pega um cinto de couro e fico paralisada de medo. Ele vai me bater com o cinto? Me enforçar? Fico parada enquanto ele amarra o cinto devagar em torno do meu tornozelo, em cima da fita.

Depois, pega um capacete de moto do closet e o coloca na minha cabeça, fechando o visor. Consigo ver através do visor até minhas lágrimas deixarem tudo enevoado.

“Não se preocupe”, diz ele, “só estou fazendo isso para levar você até o furgão e depois para casa.”

Ele me pega e me coloca em cima do ombro. Minha cabeça fica pendurada perto da sua bunda e todo o meu corpo dói. Ele me carrega até o primeiro andar, mas depois me leva para o porão.

Ele me senta no piso frio de concreto e coloca minhas costas contra um cano. Depois, pega uma corrente grossa e enferrujada, como a que um guincho usaria para puxar um carro, e a prende em volta da minha barriga e do cano. Ele prende a corrente com um cadeado e guarda a chave no bolso.

Tira o capacete de moto e liga uma pequena tv preto e branca, colocando-a em cima de um banquinho pequeno.

“Fica quieta. Não grita. Não tenta fugir”, diz ele com uma voz estranhamente calma enquanto apaga a única lâmpada e volta a subir a escada.

Fico sozinha nesse porão medonho. Olho ao redor e vejo pilhas de roupas, caixas de tralhas e prateleiras empoeiradas cheias de badulaques. Tem cheiro de poeira úmida, como se o porão não fosse arejado há anos.

Preciso sair daqui. Levo as mãos amarradas até o rosto e uso as pontas dos dedos para tirar a fita da boca, o que consigo fazer bem rápido.

“Socorro! Socorro!”, fico gritando. “Por favor! Alguém me ouve!”

Mordo a fita nos pulsos e começo a arrancá-la com os dentes, pedacinho por pedacinho. Demora uma eternidade, mas finalmente consigo libertar as mãos e rapidamente tiro o cinto e a fita dos tornozelos.

Agora, minhas unhas estão quebradas e as pontas dos meus dedos sangram. Faço um esforço para tirar a corrente da cintura, mas ela está tão apertada que rasgo minha camiseta enquanto tento. Meus jeans são meio grossos, então me contorço para tirá-los, na esperança de que esse espacinho extra permita que eu me livre da corrente. Mas não consigo.

“Alguém me ajude, por favor!”, grito várias e várias vezes, sem saber o que fazer além de gritar.

Ele vai voltar e me matar, e eu vou morrer porque peguei uma carona com o pai de uma colega que virou psicopata.

Não faço ideia de que horas são, mas, enquanto eu me debatia com a corrente, muitos programas começaram e terminaram na tv, então devem ter se passado algumas horas. Está passando *Cops* quando finalmente caio no sono encostada no cano.

Acordo com o barulho de passos pesados. Meu corpo fica tenso. Ele está voltando. Por quanto tempo dormi?

“Falei para você não tentar fugir”, diz ele com um sorriso no rosto ao olhar para toda a fita rasgada.

É muito estranho o humor em que ele está, a simpatia com que fala comigo, como se fôssemos amigos jogando um jogo.

“Trouxe café da manhã para a gente”, diz ele, mostrando um saco do Burger King. “Mas primeiro vamos tomar banho.”

Ele destranca o cadeado, solta a corrente e me ajuda a levantar. Como não consegui voltar a colocar a calça jeans, estou vestindo só camiseta e calcinha. Ele me leva pela escada, ficando logo atrás de mim, e me guia até o banheiro ao lado da cozinha, onde fala para eu tirar a roupa e entrar no chuveiro. Depois, tira suas roupas, entra junto comigo e, com um pano, esfrega os restos grudentos da fita em torno da minha boca e das minhas orelhas.

“Deixa que eu limpo isso”, diz ele, com doçura, como se estivesse dando banho num bebê, e, em seguida, começa a passar xampu no meu cabelo.

Fico com nojo do seu toque. Queria sair correndo, mas estou encurralada.

Tenho medo de que ele me ataque de novo, mas ele sai do chuveiro e encontra alguns band-aids para os meus dedos ensanguentados. Ele se veste e me dá uma calça de corrida e uma camiseta sua, então me leva até a sala. Sentamos no sofá e ele me dá um croissant de presunto e ovo frio.

Ele fica falando, mas estou chocada demais para me concentrar.

“Está na hora de subir”, diz ele depois que termino de comer.

Que escolha tenho eu? Subo a escada e entro atrás dele no quarto onde ele me estuprou.

“Apenas deite e relaxe”, diz ele, apontando para o colchão sem lençóis.

Ele deita do meu lado e me preparo para o que virá em seguida, mas ele parece exausto, como se tivesse ficado acordado a noite toda. Pelo menos uma hora se passa, talvez mais. Ele está a poucos centímetros de mim, dormindo. Tenho medo de me mexer ou de fazer qualquer barulho. Minha mãe e Beth devem estar malucas, com medo do que deve estar acontecendo comigo. Eu estou com medo do que está acontecendo comigo.

Então, de repente, ele acorda, levanta e diz:

“Vamos descer.”

Ele me leva de volta ao porão, me encosta no cano e prende as correntes com firmeza em volta da minha barriga. Eu choro e choro, mas ele só aumenta o volume da tv, apaga a luz e volta a subir sem dizer uma palavra.

Está muito escuro. Então eu me lembro: hoje é meu aniversário.